

## CICLO DE OFICINAS RODA DE SABERES RELATÓRIO DE OFICINA

### A PESQUISA-AÇÃO COMO OPÇÃO EPISTEMOLÓGICA PARA PESQUISAS COLABORATIVAS



#### FACILITADORES DA SESSÃO

Sueli de Lima Moreira - <https://www.ces.uc.pt/pt/ces/pessoas/investigadoras-es-visitantes-em-estagio-pos-doutoral/sueli-de-lima-moreira>

Paulo Peixoto - <https://www.ces.uc.pt/pt/ces/pessoas/investigadoras-es/paulo-peixoto>

#### INFORMAÇÕES GERAIS

**Número total de participantes:** 23

**Data:** 04/05/2020

**Duração:** 3h

**Hora início:** 14:30

#### ENQUADRAMENTO DA SESSÃO: NOTAS, INTRODUÇÃO, TESTEMUNHOS DOS FACILITADORES

Notas da Coordenação do Ciclo: A Sueli Lima respondeu a um convite que fizemos à comunidade de investigadoras e investigadores do CES, para se proporem a apresentar uma metodologia da

sua eleição numa oficina Roda de Saberes. Explorar a pesquisa-ação num quadro de pesquisas colaborativas foi a sugestão da Sueli, que prontamente acolhemos. A Sueli convidou então o colega Paulo Peixoto, com quem trabalha no âmbito de um estágio pós-doutoral no CES, e ambos desenvolveram o tema desta oficina para que pudéssemos aprofundar o diálogo entre pesquisa e ação, entre os elementos de um grupo investigativo e de um grupo formativo, entre vivências e experiências. Um diálogo transformador, que una as pessoas e permita a emergência de novos conhecimentos, como nos foi possível testemunhar durante a oficina.

Esta oficina foi pensada inicialmente para se realizar presencialmente, nas instalações do CES|Alta. A pandemia de COVID-19 forçou o cancelamento dos encontros presenciais e obrigou a uma reinvenção dos modos de dialogar e partilhar. A Coordenação do Ciclo contactou a Sueli e o Paulo, que prontamente se disponibilizaram a adaptar a oficina para que esta se pudesse realizar à distância, recorrendo a uma plataforma digital. Sabemos que esta adaptação implica alguns constrangimentos à oficina idealizada, e também por isso agradecemos à Sueli e ao Paulo o esforço realizado para manter a calendarização da sessão.

Esta foi a proposta que a Sueli Lima e o Paulo Peixoto nos apresentaram:

“A pesquisa-ação pode ser utilizada de diferentes maneiras, com diversas intencionalidades, constituindo-se num vasto leque de abordagens teórico-metodológicas. No entanto, essa opção metodológica assenta na premissa de que a pesquisa e a ação devem caminhar juntas. Ao pesquisar com este propósito tem-se como objetivo desenvolver uma investigação científica a partir de fontes que são historicamente construídas, como as relações entre sujeitos distintos, movimentos sociais e instituições. Este aspecto exige a reunião de condições epistemológicas que auxiliem a formulação de um campo de investigação solidária, plural, criativa e aberta ao diálogo universitário e comunitário, mas principalmente capaz de as transformar.

Esta oficina baseia-se na práxis do grupo, nas suas perspectivas investigativas, para, a partir delas, negociar as reflexões conjuntas.

A proposta que será desenvolvida tem origem na Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire, segundo a qual, a partir de uma investigação temática, os mentores buscam nas experiências dos participantes os temas para seus processos de pesquisa. Em seguida, busca-se a tematização, quando o grupo decodifica os temas propostos, concluindo-se com a problematização, por meio da qual as experiências são perspectivadas através da visão crítica em diálogo com outras referências. O percurso metodológico que a oficina irá explorar assenta

---

---

nestas bases, embora seja alargada a partir de contribuições de outros teóricos (Barbier 2002, Dussel 2007, Sousa Santos 2018).

Partiremos dos trabalhos de pesquisa dos integrantes, como pesquisadores das ciências sociais e humanas, na direção da práxis, experienciando um processo continuamente crítico e colaborativo, produzindo reflexões sobre nossas circunstâncias e perspectivas.

Esta proposta nasce de pesquisas realizadas com estudantes, professores e movimentos sociais no Brasil, desde 2009, no campo da Educação, que também serão apresentadas, de forma introdutória, na oficina.

A pesquisa-ação nesta perspectiva tem a formação colaborativa como objetivo principal e busca o desenvolvimento de equipas com competências coletivas capazes de se desenvolverem mutuamente. A dinâmica de um processo formativo coletivo como propomos vincula não só distintos atores, como proporciona a partilha de problemas, formulações e estratégias de pesquisa.”

---

## **DESCRIÇÃO GERAL DA SESSÃO**

Após uma breve apresentação do Ciclo de Metodologias “Roda de Saberes”, dos seus formatos e dos diferentes recursos criados, a oficina inicia-se com o facilitador Paulo Peixoto a fazer um enquadramento do trabalho da Sueli numa colaboração mais ampla com o CES, que se desenvolvia nos últimos meses em Portugal. São referidas as ligações que este trabalho faz com a investigação que se faz no CES, com oportunidades de partilhas anteriores, por exemplo, pela organização de seminários, e também as pontes entre o mundo académico e a educação, com os seus vários protagonistas e cenários: universidade, escolas, cursos de formação de professores, investigadores/as, professores/as. Fala-se da relevância desta colaboração, dos contributos do trabalho para um melhor entendimento da matriz do trabalho colaborativo a partir das premissas da pesquisa/investigação-ação.

A facilitadora Sueli Lima começa por referir o trabalho que vinha desenvolvendo com escolas do Ensino Básico e Secundário e cursos de formação de professores de Portugal, relacionando-o com os seus interesses de investigação, que desenvolve enquanto docente da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Descreve como esses interesses foram sendo moldados

---

durante o seu crescimento, pelas vivências de quem convive com realidades sociais muito díspares. Cresceu com sensibilidade às desigualdades sociais. Começou a trabalhar com favelas numa altura em que única entrada era através das entidades eclesiais. Chegou à formação de professores e ingressa na universidade através dos movimentos sociais e para fortalecer o movimento social. Assumiu um compromisso com as camadas populares. Tem vindo a desenvolver desde há muitos anos, antes e depois da entrada na Universidade, pesquisa-ação diversa.

A Sueli iniciou então uma apresentação que preparou para conduzir a oficina, e que é disponibilizada como anexo a este relatório. Começou por referir as adaptações que este novo formato de oficina digital obrigou a fazer. Partilhou a sua intenção original de criar momentos de experimentação de uma práxis coletiva em torno da pesquisa-ação, que teve de se limitar a momentos de diálogo entre as suas experiências de trabalho e aquelas de quem está a participar. Convida o grupo a aproveitar os momentos de pausa na apresentação para o diálogo.

Reconhece, assim, os limites da linguagem quando confrontada com a distância física entre participantes - e até, como verificámos ao longo da sessão, com constrangimentos técnicos. Propõe-se apresentar a sua forma de trabalhar com diversas pesquisas-ação na área de formação de professores/as e as referências e princípios que fundamentam as suas experiências, com ênfase nas pesquisas colaborativas. A apresentação divide-se em duas partes. A primeira parte é dedicada a referências para o desenvolvimento de pesquisa-ação pedagógica; a segunda parte versa sobre como é feita essa pesquisa.

Na primeira parte, a Sueli apresenta-nos as referências do trabalho que desenvolve, e como este se baseia no pensar a pesquisa-ação a partir de dois desafios: a formação de professores (pesquisa-ação pedagógica) e os estudos pós-coloniais.

A pesquisa-ação pedagógica - PAPE - dedica-se à Educação enquanto prática social e constitui-se como uma práxis da formação, articulando a compreensão com a ação, que leva à transformação. Como pensar uma metodologia para compreender o fenómeno da formação? Fenómeno mutável e que ao tentarmos compreendê-lo ele já se transforma. A pesquisa-ação trabalha com a perspectiva que compreender é interferir, interferir é transformar e tudo isto é formar. *“Todos os envolvidos estão se transformando e ao se transformarem estão se*

---

---

*formando.*” Esta forma de experienciar a pesquisa-ação com uma vertente marcadamente pedagógica, que tem a formação como principal objetivo, foi criada pela investigadora brasileira Maria Amélia Franco (Franco, 2016).

A PAPE é uma aprendizagem coletiva. Compõe-se de experiências, onde o conhecimento emerge do conjunto de conhecimentos, das vivências e experiências das pessoas. Para ilustrar esta práxis, Sueli apresenta uma imagem que retrata um exemplo de uma oficina de PAPE na UERJ. Partilha uma foto de roda com professores a trabalhar a questão dos currículos. Para a Roda voltada para a questão do Saber trazem-se elementos físicos representativos da cultura local. Nesta, foram usados objetos indígenas e, a partir deles, os formandos foram convidados a pensar como enquadrar o conhecimento indígena na formação de professores/as.

O segundo desafio, os estudos pós-coloniais, surge de uma interrogação feita a partir do local geográfico: *“quem sou eu, professor/a sul-americano/a?”*, *“quem sou eu, brasileiro/a?”*. Essa questão de se buscar a si mesmo é um desafio diretamente articulado com a questão da episteme eurocêntrica: *“quem sou eu foi durante muito tempo respondida por um terceiro”* (Fanon, 2015). Sueli destaca: *“É o outro que diz ao Brasileiro o que é ser Brasileiro e por isso é necessário perguntar se eu sou mesmo o que dizem que eu sou. E preciso de ouvir a mim e aos outros iguais a mim e que são diferentes de mim. Então a pesquisa-ação situa-se como ferramenta para que eu me escute e escute os outros.”*

Nesta perspectiva, centrada na geografia sul-americana, a interrogação traz dois desafios: a emancipação da epistemologia dominante, eurocêntrica, e a definição individual do eu, livre da *presença do outro* (*“a presença do outro me impede de ser eu mesma”*; Fanon, 2015). Uma vez que a PA se compromete a trabalhar com a pluralidade das vozes das diferentes pessoas que nela participam, apresenta-se como uma ferramenta para contornar e superar estes desafios: permite a formulação da própria identidade, uma identidade auto-reflexiva crítica em contraponto com o episteme eurocêntrico e procura a pluralidade epistémica.

A este respeito introduz o conceito de Epistemologias do Sul, referindo a grande contribuição do Boaventura Sousa Santos de que existe uma injustiça cognitiva, que é responsável pelo que este denomina de *“epistemicídio”* (2007), a morte de todas as outras formas de conhecimento que não as hegemónicas; diversos saberes que não são considerados, que estão mortos ou não foram escutados, estão silenciados. As epistemologias do Sul permitem-nos compreender uma

---

artesanias para ir além dessa injustiça cognitiva. Aponta caminhos que contribuem para os desafios coloniais. Das epistemologias traz-se o conceito de incompletude, articulada com a questão da diversidade do mundo que é inesgotável, que é preciso ser reconhecida e construída ou é silenciada. Traz-se também a ideia que o conhecimento é interconhecimento, conhecimento intersubjetivo que se desenvolve pelo diálogo, em relação e na co-presença, que geram o atravessamento dos saberes, materializado na aprendizagem uns com os outros.

Há um caminho de uma artesanias importante para quem trabalha com pesquisa-ação. Afirma: *“Quando entro numa roda o que trago é incompleto, vamos completando num saber que só vai existir através de nós. Eu não troco com o outro mas na relação com o outro nasce um saber que não existia senão na relação com o outro.”* O que se experimenta na PA é o conhecimento deste conjunto, de fóruns abertos, capazes de nos contaminarmos. Produzimos um espaço de resistência onde é possível atravessarmos-nos em experiências artesanais.

Um quarto ponto destacado para a dimensão da construção do trabalho que a Sueli desenvolve vem de Paulo Freire, um autor da corrente humanista e que defende que a educação deve emancipar o sujeito. Neste último aspecto, o trabalho de Freire pode dialogar com os estudos pós-coloniais. Freire introduziu a noção de “Círculos de Cultura” com três pontos: primeiro escutar, depois codificar os temas e por fim problematizar (1991). Entende-se a educação como um lugar de conflito, de negociações, pelo que a procura deve fugir da resposta certa e procurar a resposta negociada. Carlos Brandão contribui com as questões de pesquisas-participativas (1981). Freire e Brandão defendem saberes emancipatórios, participativos, que assentam na tolerância à multiplicidade e conflitualidade de saberes.

Uma das participantes questiona-se sobre como reconciliar o conhecimento que é emergente - o das perguntas que esperam respostas negociadas, em aberto, novas - com o dogma vigente na ciência, e em particular nas instituições que garantem o seu financiamento. Nas candidaturas a financiamento para investigação, por exemplo, é esperado que a proposta submetida já indique as respostas que se esperam.

Comenta-se como este método procura resistir ao paradigma hegemónico da ciência “ready-made” e com estritas limitações de objetos e métodos e de tempo para pesquisa.

Na segunda parte da oficina, a Sueli fala-nos sobre o *porque* e o *como* faz pesquisa-ação.

---

---

Fala sobre o processo de trabalho de planeamento, dizendo que é necessário conhecer profundamente o tema e que a PA é longa e cansativa. Observa que a legitimidade do processo depende da relação que se desenvolve com os participantes em formação e que a coordenação é relativa. O/a pesquisador/a tem responsabilidade diferenciada, mas não é o poder e tem a responsabilidade de promover a pesquisa. Todo o processo é construído coletivamente. O processo deve ser leve, criativo lúdico e não encadernado, rígido, pré-formatado. Somente pode ser científico o que for discutível. Tudo o que não promove profundas discussões não é do campo da PAPE. É necessário aventura e escuta. É um trabalho participativo, não é virtual. Reclama envolvimento e participação e tempo.

#### MOBILIZAÇÃO PARA A PARTILHA DE CONHECIMENTO

Como exemplo da PAPE, apresenta a sua pesquisa sobre parcerias entre universidade e escolas. Explica que é necessária a aproximação das escolas, professores, estudantes da universidade, mas é preciso criar condições institucionais para a pesquisa. Nomeadamente, é necessário conhecer o problema para constituir um grupo de pessoas para trabalhar. Reunidas essas pessoas estuda-se a PAPE em coletivo. As pessoas pensam que a pesquisa pertence ao/a investigador/a. Mas o que se propõe desconstrói essa ideia. Começa-se com um estudo coletivo sobre PAPE. Depois coloca-se a questão da ética na pesquisa. A ética da PAPE é de negociar e esclarecer termos de consentimento. Quem são as pessoas? Elas são co-investigadores? São negociados termos de consentimento em que as pessoas se constituem como co-investigadores com quem a pesquisa é partilhada. São criadas Rodas de Conversa para se ouvir as diferentes perspetivas e constituir um coletivo de investigação.

Quando se faz PAPE não se tem um objetivo. Tem-se um tema, um problema, uma questão. Há uma fase de aproximação, discussão, sendo importante mostrar que é possível fazer PAPE, negociar, planear, compreender como vai ser feito e mostrando que essas pessoas têm condições de serem pesquisadores/as e como isso pode ocorrer. Precisa de haver uma postura de negociação, que o processo seja transparente e o grupo aberto e disponível. Identifica-se os problemas que o grupo mostrou que havia, os pontos de vista que aparecem no coletivo face ao problema que se estuda e começa o processo de redação, de escrever sobre o coletivo, ler e reescrever. Antes de se ir ao campo, é preciso identificar conceitos e autores que possam fundamentar o trabalho. Ir ao *“segundo nível de compreensão do problema: eu tenho uma experiência, eu partilho essa experiência, identifico essa experiência e agora preciso dar*

---

---

*perspectiva a essa experiência, preciso problematizar”*. É necessário procurar outros autores e re-significar o problema que se enfrenta para pensar como ir ao campo. Deste modo, o objetivo é desenvolvido coletivamente, assim como os conceitos e autores (referências) invocados. Esta estratégia de pesquisa e os seus instrumentos são sujeitos a escrutínio e revisões constantes pelo coletivo. Muitas coisas se transformam nesta fase, o objetivo inicial pode ser melhor formulado. Há que triangular compreender, transformar-se, formar. A investigação é formação.

## TRABALHO DE CAMPO

O campo é imprevisível. Procura-se seguranças, mas é no campo que é preciso perdermo-nos, só que é preciso sabermos perder-nos. Regra geral, é uma fase de muita angústia e inquietação. Os/as colaboradores/as perguntam se é pesquisa, se há mesmo condições. Muitas coisas mudam de cor, de tamanho, de função e é preciso voltar ao coletivo para reorganizar. Organizamo-nos e no campo desorganizamo-nos e voltamos para reuniões internas para nos organizarmos e, sucessivamente, vamos ganhando segurança que nos permite adentrar, aventurar. A partir de determinada altura percebe-se que os/as pesquisadores/as se acalmam. Há metodologia para a aventura. Podem trazer-se retalhos que aparentemente não têm sentido e que se vão rever. Há muito para refazer, mas isso é o trabalho. Discernir a disciplina de campo. A bagunça não é criativa. Mas é necessário entrar como uma obra aberta.

A análise de dados (deduções de métodos) também é feita em trabalhos coletivos, interpretados coletivamente em reuniões de trabalho. É necessário, claro, ter ferramentas. As perguntas e as respostas são negociadas coletivamente. É uma fase de trabalho extenso. Muitas vezes são muitos dados. A PAPE assume a dimensão ideológica da realidade histórica na qual a pesquisa está envolvida. Visa fazer incidir a luz sobre a questão e debater com transparência e instrumentos críticos. É necessário discutir nos coletivos e com os pares: sublinha que a “ciência é o reino da discutibilidade”, baseada em discussões abertas e referenciadas. A PAPE é implicada. Está mais aberta a diversas ideologias. Obriga a trabalhar com pessoas com posições e experiências e visões distintas.

## INTENÇÃO DE PRODUÇÃO DE RUTURAS NA DIREÇÃO DA TRANSFORMAÇÃO

Ao começar a escrever e ao ver as conclusões a serem escritas coletivamente, mudam-se concepções. A produção de textos como coletivos constitui uma nova alfabetização académica,

---

---

aprender a escrever e trabalhar em conjunto. Os/as professores/as não são formados para trabalhar em coletivo. Ocasiona a produção de futuros coletivos. Envolve um processo de transformação do/a próprio/a investigador/a, que passa a ser o/a coordenador/a de um coletivo de investigação. Relativamente à publicação, muitas revistas cobram limite de autores/as, mas é desrespeito e dificulta. Há também partilha de referências.

## CONCLUSÃO

PAPE COMO UM CAMPO DE “SUB-REVOLUÇÕES” (FANON, 2015)

## ABERTURA DO DEBATE

Participante: há que aprender a suportar a dúvida, educar para suportar a dúvida. Parte-se de um material, ideais, grupo sem saber onde se vai chegar. Como administrar hierarquias, medo da dúvida, qual é o saber e qual é a palavra final? Este método tem muita ligação com o trabalho artístico. Há diferentes nichos de produção de conhecimento que se veem sempre entre dois extremos. Mesmo para quem é pesquisador não existe essa calma para atravessar de um extremo ao outro.

Participante: familiarizada com a prática do direito e a produção de saber nos movimentos sociais em práticas extensionistas. Menciona a querela epistemológica e afirma que se sofre muito para se realizar PA, em termos de considerar os sujeitos numa relação de horizontalidade e de operacionalizar a produção coletiva de saber. Salienta o problema da validade científica e da autoria.

Sueli: diz que neste momento sem ter já uma relação com as pessoas não se consegue desenvolver um trabalho. Virtualmente consegue-se manter relações que já se têm. Fala da cobrança justa que os movimentos fazem e que temos que enfrentar. O trabalho de extensão é o caminho. É uma área muito rica para a PA e campo de resistência para a universidade popular e o trabalho junto das comunidades que fazem cobranças que são justas e às quais é preciso dar resposta. A PA demanda uma postura diferente da de um/a pesquisador/a tradicional. Está-se implicado e é preciso comprometermo-nos.

Participante: coloca uma pergunta de investigação que nasce do engajamento com as lutas em relação com a política internacional e a pesquisa militante na área da justiça: emancipatória dos

---

---

direitos humanos; exs. MST, direitos das mulheres. Como se pode engajar com a PA? O que eu busco é o conhecimento que nasce da partilha, feito a partir de uma observação participante, mas sempre externo, pois a luta não é nossa.

Notas de participantes no chat:

Participante: “Parti de propostas que estão presentes na AL e no Brasil, que mais do que a questão epistemológica dessas diferenças, propõem essa aproximação da professora com o reconhecimento de outros saberes, horizontalidade dos sujeitos etc. Não tem necessariamente uma vinculação ideológica no sentido partidário ou organizacional, mas a uma práxis transformadora da realidade. Nós lá do centro de referência em DHS da UFERSA, que atuamos junto a movimentos sociais, sempre tentamos aliar as reflexões teóricas em cima de nossas práticas, tentando não considerar os movimentos como nossos objetos, mas sujeitos com quem construímos e produzimos saberes.”

Participante: “A ideia de sociologia pública do Burawoy, se calhar pode estar bastante associada a pesquisa militante, já que se fala das ciências sociais comprometidas com uma determinada agenda política a produzir contributos.”

Sueli comenta que a PA é uma forma de evitar práticas de investigação extrativistas, baseando-se em práticas implicadas com desafios dos grupos com que os investigadores se relacionam.

Participante: Como conciliar uma perspectiva de larga escala como um grande programa de investigação? Como conciliar a pesquisa participativa com um programa de larga escala gerida por ONGs do Brasil, de Portugal, etc.: projeto global escolas 2030, da Fundação Aga Khan, que tem por objetivo intervir em políticas de avaliação internacionais?

[https://www.schools2030.org/;http://movinovacaonaeducacao.org.br/noticias/escolas-2030-ira-mapear-o-que-funciona-na-educacao-de-10-paises-incluindo-o-brasil/](https://www.schools2030.org/)

Sueli: a PA tem muitas abordagens, baseia-se na construção de diálogo entre múltiplas metodologias. Fala da experiência de construir de baixo para cima todos os processos. A PA articula a relação entre pesquisar e transformar. Há um conjunto de ferramentas que podem ser utilizadas com esse objetivo.

Participante: menciona a pesquisa sobre arte-educação e a relação entre arte e ciência.

Sueli: considera-as formas de compreender o mundo distintas; mas não chamaria a arte de ciência. Porém, há contribuições que a pesquisa artística pode dar para o pensamento científico, para uma ciência mais implicada, aberta e capaz de respirar o mundo. As experiências artísticas podem contribuir para caminhos, para metodologias, mais dialógicos e mais livres.

Participante: mesmo havendo pós-graduação e investigação em arte, ciência e arte?

Nota de participante no chat: 'acho que "artistic research" articula bem o conhecimento narrativo (científico) e conhecimento corporificado, tácito...'

Participante: partilha que faz pesquisa de doutoramento também na área da arte "o que parece felizmente expressivo neste grupo, que bacana! Trabalho com Teatro do oprimido e da oprimida, dialogando com a corporeidade e a práxis da educação feminista no âmbito da formação de educadoras/es."

Participante questiona: a produção coletiva com a comunidade perpassa todas as fases de pesquisa? O campo é junto? Se a análise de conteúdo é junto, precisa de ter oficinas sobre metodologias? Essas ruturas cognitivas são prédefinidas na expectativa de delinear a pesquisa? É possível fazer avaliação do impacto?

Sueli: a prática vai-nos ensinando a constituir coletivo em todas as etapas. A pesquisa que interessa pessoalmente é participativa. Senão, é o/a investigador/a a dirigir a pesquisa etnográfica nalgum campo. Ele/a transforma o campo ao mesmo tempo que o investiga.

Participante: Os resultados são emergentes e não planejados?

Sueli refere dois níveis de resultados: o da formação do grupo e o do exercício de campo. Ilustra o processo dando o exemplo de um grupo com que trabalha há 4 anos. Já fizeram vários exercícios conjuntos: avaliam-se os resultados da formação do grupo e planeia-se a ida ao campo, a estratégia para se reunir informações. Todos compreendem que estão num processo formativo, mas que há degraus. Descreve-a como uma experiência de resistência.

---

Participante: refere a posição epistemológica do construcionismo social e da pesquisa feminista pós-moderna e pesquisa narrativa. Apela à coerência entre escolhas epistemológicas e metodológicas. Na hora das publicações, que desencorajam a abordagem coletiva, como tem sido a experiência em termos de apresentação dos sentidos produzidos? Como apresentar o material coletivamente?

Sueli: como há problemas com o limite de autores, trabalha-se com texto coletivo. Nasce de todos. Muitas vezes não tem os argumentos todos construídos, mas já é um texto que tem 30 autores e recorta-se: para falar de escola, vai falar João, Maria e José e eles trabalham parte desse texto. Consegue-se recortar material e gerar vários artigos com parte desse grupo. Alguns assinam determinado material e outro material. Divide-se em função de interesses. Participa-se em eventos conjuntamente. É importante documentar. Trabalha-se com câmaras sempre que possível, pois ajuda no registo. Fica tudo guardado e depois é um trabalho de reconstituição. Também não dá para sistematizar tudo, pega-se nas ideias principais e vai-se documentando e sistematizando. Tudo isto e os debates do trabalho de campo é muita coisa. Há uma “coluna vertebral”, um rascunho a partir do qual nascem estes trabalhos. Na própria reunião criam-se momentos para escrever, partilha-se na tela, comenta-se e vai-se formulando em conjunto. Mas faz-se extensivamente. A pesquisa narrativa é baseada em relatos com base em temas. Os textos, que passam pela investigadora, vão sendo submetidos ao grupo, sendo comentados, negociados e ratificados pelos elementos do coletivo de investigação.

Participante: faz o convite para o envolvimento num grupo de extensão criado no CES. Primeira atividade no ciclo de extensão, partilha experiências discutidas no grupo.

Informação sobre os eventos do grupo sobre extensão no CES: I Ciclo de Seminários

Oguatá | Atagbá: Caminhando com novas conversas pelas vias das epistemologias do sul. Duas sessões dia 25 de maio e 27 de junho. <https://www.ces.uc.pt/pt/agenda-noticias/agenda-de-eventos/2020/oguata-atagba-caminhando-com-novas-conversas>

Sueli: considera a PA como instrumento de fato, institucional e abraçando a ligação à extensão. Sublinha a importância da extensão como local de encontro com a PA. É o curso de extensão que dá lugar a PA. Por exemplo, na sua área de investigação, o curso de extensão confere autoridade, voz e valorização à contribuição dos professores e de outros parceiros.

Participante: tem expertise de projeto de regeneração urbana inclusiva, projeto participativo

---

envolvendo instituições públicas e comunidade. A PA é a ferramenta que mais se aproxima do processo de participação e cidadania ativa para trabalhar com arquitetos. Considera a PA como transformadora de todos os atores, mutuamente, mas o grupo em questão envolve pessoas ligadas a autoridades públicas, residentes e académicos. Nesta complexidade, as tensões de poder que há entre os residentes e as equipas, sobretudo em diferentes áreas do setor público, vão condicionando muito do que seriam as transformações pretendidas e a dúvida é como se desenvolve um processo de PA que vai gerar transformações muito diferentes da parte dos que estão implicados. Pode-se ter um resultado transformador artificial. A construção conjunta, que é uma questão de princípio quando se observa a relação entre as instituições e as pessoas residentes do bairro, é muito frágil. E os pesquisadores não são de PA. Como fazer a gestão de conflitos entre cidadãos e outros atores no processo de investigação participatória em termos de co-criação, co-produção? Como viabilizar a possibilidade de criticar, a discussão de embates, o processo democrático de mediação? E também da parte académica, que nem sempre o princípio de partilha acontece da mesma forma, sobretudo sendo de áreas académicas muito diferentes.

Sueli: essa é a questão do poder diferenciado entre pesquisadores do mesmo grupo, os gestores e a população atingida por esse grupo. Há que enfrentar de forma a fazer separadamente, ir por partes: primeiro há que tentar criar um compromisso e uma consciência da PA junto aos gestores que tenham mais compromisso com esse tipo de pesquisa, participativa, democrática. Mas o ideal é que a população tenha voz suficiente para criticar, discutir poder com o grupo, discutir processos democráticos, avaliações qualitativas (cf. Pedro Demo, *Metodologia científica em ciências sociais*, São Paulo, Ed. Atlas, 1995, 3ª ed.) . Talvez tenha que se enfrentar a política da instituição, o local do mundo. Sugere ir por partes preparando para reunião geral para discutir esses embates. Tema bem significativo.

Sueli: incentiva todos/as a terem coragem para as aventuras que o mundo nos cobra. Tão surpreendentes trabalhos coletivos exigem perspectiva de enfrentar também de forma coletiva problemas comuns.

Roda: uma coordenadora agradece e pede a Sueli para elaborar sobre o impacto da dimensão criativa no/a pesquisador/a e nos/as participantes das Rodas de Conversa. E para falar do curso de formação no domínio da PA que está agendado para brevemente no CES.

---

---

Sueli: realça as experiências artísticas que ensinam porque a arte marca o mundo, citando “eu posso transformar as coisas”. Questiona: Porque não levar experiência de transformar o mundo para o campo da pesquisa? Porque não sou criativo na forma de pesquisar? Porque não posso fazer colcha de retalhos, afirmar? A arte-experiência, que fica marcada no corpo de que as coisas podem ser diferentes. A expressão é muito importante. Refere um curso que visa criar um laboratório de compreensão dos desafios da colaboração escola e universidade:

<https://www.ces.uc.pt/pt/agenda-noticias/agenda-de-eventos/2020/investigacao-accao-pedagogica>

---

### **REFLEXÕES E QUESTÕES EMERGENTES**

A coordenação do Ciclo convida a dinamizadora Sueli a partilhar reflexões e/ou questões emergentes desta oficina.

Sueli: A partir das contribuições dos participantes penso que emerge (mais uma vez, pois já vi este ponto se insinuar em outras Rodas) as contribuições que a Arte traz para nós investigadores/as de métodos científicos participativos, livres e simultaneamente socialmente referenciados.

---

### **REFLEXÕES DA COORDENAÇÃO DO CICLO: DESAFIOS E PROPOSTAS EMERGENTES**

Surge nesta oficina um tema que vinha já emergindo em oficinas e tertúlias anteriores da Roda de Saberes como desafio a ser explorado em encontros posteriores, e que se relaciona com a relação entre o trabalho artístico e científico no processo de construção do conhecimento. As coordenadoras tomam nota do tema como um potencial foco de trabalho em novos eventos da Roda de Saberes.

---

### **AVALIAÇÃO, COMENTÁRIOS FINAIS E SUGESTÕES DE MELHORAMENTO**

Um breve questionário online foi enviado as/os participantes logo após a oficina. Apenas 14 respostas foram recolhidas. Destas, 57.8 % dos/as participantes declaram-se completamente satisfeitas/os, 28.6 bastante satisfeitas/os e 14,3% mais ou menos satisfeitos com a estrutura e dinâmica geral da oficina. Quanto à relevância/pertinência dos conteúdos para a sua prática profissional/investigação, 85.7% avaliaram-nos como completamente pertinentes, 7.1% como

---

---

bastante pertinentes e 7.1% como mais ou menos pertinentes. Quanto ao equilíbrio entre as componentes teórica e prática da sessão e à adequação da componente teórica, 42.9% das respostas indicam bastante satisfação, 35.7% total satisfação, 14.3 % bastante satisfação e 7.1% pouco satisfeitos. Relativamente à adequação da componente de avaliação teórica da sessão, 51.7% das respostas revelam total satisfação, 28.5% bastante satisfação e 14.3% alguma satisfação. No que diz respeito à adequação e natureza dos exercícios práticos, 35.7% das respostas revelaram bastante satisfação, 28.6% alguma satisfação, 21.4% total satisfação e 14.3% pouca satisfação.

O desempenho da dinamizadora foi avaliado positivamente (71.4% muito satisfeito, 28.6% bastante satisfeito. Relativamente à satisfação geral com os contributos do grupo e com os diálogos e reflexões gerados na sessão 50% das respostas revelaram muita satisfação, 35.7% bastante satisfação, 7.1 % alguma satisfação e 7.1% pouca satisfação. A maioria das respostas revelou total satisfação (64.3%) com a qualidade dos diálogos gerados na sessão, e uma menor percentagem bastante satisfação e alguma satisfação (28.6%) e pouca satisfação (7.1%).

As/os participantes declararam ter muito interesse (85.7%) ou bastante interesse (14.3%) em participar noutras oficinas do Ciclo, e a maioria está disponível ou interessada/o em envolver-se em novas colaborações ou projetos com a metodologia apresentada (78.6% muito disponível, 14.3% mais ou menos disponível e 7.1% bastante disponível) e em recomendar a sessão a outras pessoas (85.7% recomendaria fortemente, 14.3% recomendaria bastante). Do ponto de vista da avaliação qualitativa, sublinham-se os seguintes pontos positivos:

- *Satisfação geral e riqueza da sessão e dos diálogos e trocas geradas* (“a sessão foi bastante boa”; “Parabéns a todxs!”; “Eu adorei a Roda de hoje. Achei que foi um momento muito rico de trocas”) não obstante as limitações do meio virtual, aspecto que foi elogiado (“Reproduzimos o formato apresentação-perguntas, sem a menor crítica a este formato. A sessão foi dialógica e proveitosa”; “Por outro lado, visto o momento que estamos passando, esta sessão foi ótima.” “Considerando o uso do ambiente virtual e da ferramenta digital, o tempo e espaço foram bem aproveitados, sendo mais difícil pensar dinâmicas de interação. No entanto o diálogo e intercâmbio foram bastante satisfatórios e com questões instigantes, apesar dessa limitação.”
- *Congratulações à qualidade da palestrante e da facilitação* (“dialógica, impressiona”; “a condução da oficina foi excelente”)
- *Satisfação com congruência entre quadros teóricos e metodológicos de preferência*

*dos/das participantes e dos apresentados e estimulação de pensamentos* (“Para mim foi particularmente importante porque parto de pressupostos epistemológicos e metodológicos muito parecidos com o que foi apresentado hoje. Então tive alguns pensamentos importantes hoje no que se refere à articulação entre o debate epistemológico com a metodologia da pesquisa-ação.”)

- *Pertinência do tema* (“O tema da oficina foi oportuno e enriquecedor para a minha prática académica no uso de metodologias participativas e com explicações teóricas que contribuíram para a minha melhor compreensão do tema. Estou mais convicto de que a pesquisa-ação, por ser um tipo de pesquisa social que é concebida e realizada em estreita associação entre os pesquisadores e os participantes é fundamental na configuração de modelos participativos de pesquisa.”)

As seguintes correspondem a notas negativas:

- *Problemas técnicos*: Qualidade da ligação internet; crítica à escolha da plataforma eletrónica: instabilidade
- *Constrangimentos do formato virtual* (“A comunicação remota dificulta em alguma medida um trabalho mais prático, com elaboração de algum produto comum”; “Creio que o formato on-line/à distância dificulta um pouco o processo de pensar a Roda de Saberes como uma oficina, pois o contato em sala era um dos pontos que trazia muita riqueza à sessão.”)

As/os participantes deixaram as seguintes sugestões para melhoramento futuro:

- *Sugestão de alteração de plataforma virtual*
- *Incluir período de treino inicial sobre plataforma* [Nota das organizadoras: este período ocorreu no início da sessão].
- *Testar previamente apresentações para visibilidade na plataforma virtual*
- *Adotar a online mesmo quando as atividades presenciais voltarem a ser possíveis para acomodar mais facilmente participantes de fora de Coimbra*

Finalmente os/as participantes deixaram algumas sugestões de atividades de seguimento à Oficina ou para a dinamização do Ciclo Roda de Saberes, nomeadamente:

- *Partilha de conteúdo (slides) e referências (textos, bibliografia)* [Nota das organizadoras: isto é realizado através dos relatórios e respetivos anexos e das bases de dados bibliográficas disponíveis no site do Ciclo Roda de Saberes]
-

- 
- Haver estudos de caso em que as metodologias são aplicadas
  - Focar tema das artes e uso de metodologias artísticas como método de pesquisa
  - Envio de material preparatório previamente à oficina para a realização de um exercício coletivo
  - Levar a cabo sequência de oficinas focadas em diferentes abordagens e conceitos de abordagens colaborativas (ecologia dos saberes, ciência cidadã, pesquisa militante, pedagogia do oprimido, etc.), focando especificidades e convergências de conceitos e práticas
- 

## BIBLIOGRAFIA REFERIDA

BARBIER, R. *A pesquisa-ação*. Trad. Lucie Didio. Brasília, DF: Plano Editora, 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 2007 (1ª ed. 1981).

DEMO, Pedro. *Metodologia científica em ciências sociais*. São Paulo: Atlas, 1995 (3ª ed.).

DUSSEL, Enrique. *Ética da libertação na idade da globalização e da exclusão*. Trad. Ephraim Ferreira Alves, Jaime A. Clasen, Lucia M. E. Orth. Petrópolis RJ: Vozes, 2007.

FANON, Frantz. *Écrits sur l'aliénation et la liberté*. Ed. Jean Khalfa et Robert Young. Paris : La Découverte, 2015. (é esta a referência de Fanon?)

FRANCO, Maria Amélia Santoro. "Pedagogia da pesquisa-ação". *Educação e Pesquisa* [online]. 2005, vol.31, n.3, 483-502. [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022005000300011&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022005000300011&script=sci_abstract&tlng=pt)

FREIRE, Paulo. *Educação como prática de liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991 (20. ed.).

MOREIRA, Sueli de Lima. "Quem somos nós professores sul-americanos em busca de formação?". *Revista nuestrAmérica*. Vol. 8, Núm. 15 (2020). 226-235. <http://revistanuestramerica.cl/ojs/index.php/nuestramerica/article/view/242/462>

SOUSA SANTOS, Boaventura. *Construindo as Epistemologias do Sul. Antologia. Vol I*. Buenos Aires: CLACSO, 2018.

----- . *Construindo as Epistemologias do Sul. Antologia. Vol II*. Buenos Aires: CLACSO, 2018.

----- . "Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes". *Novos estudos - CEBRAP* no.79. São Paulo: Nov. 2007.

---

## PRODUÇÃO E VALIDAÇÃO DO RELATÓRIO

Data de elaboração do relatório: 15/07/2020

Relatório produzido por: Rita Campos, Ana Teixeira de Melo, Patrícia Silva

Relatório validado pelos facilitadores: Sim  Não

---



**Roda de Saberes 4/05/2020**  
**Centro de Estudos Sociais – U.C**

**A pesquisa-ação como  
opção epistemológica para  
pesquisas colaborativas**

**Sueli de Lima – Faculdade Formação  
Professores (UERJ)**  
**Supervisão: Prof Paulo Peixoto U.C.**



Inicialmente, tínhamos como objetivo a experimentação de uma práxis coletiva em torno do tema Pesquisa-Ação (P.A).

Agora, virtualmente, mesmo buscando recursos distintos para nossa interação, sabemos que possuímos limites de linguagem.

Sendo assim, penso em apresentar e debater minha experiência com a pesquisa-ação, destacando algumas referências e princípios que a fundamentam em especial para as pesquisas colaborativas.

O que apresento é uma forma muito particular que venho gestando ao longo dos últimos 15 anos à frente de diversas P.As desenvolvidas no campo da formação de professores, onde atuo.

**Esta apresentação está dividida em duas partes:**

Na parte 1 apresento **referências** do trabalho que desenvolvo.  
Na parte 2, desenvolvo sobre o **por que** e **como** faço PA.



**Comentários?**

## Parte 1 – Referências

A pesquisa-ação pode ser utilizada de diferentes maneiras, sob diversas intencionalidades, constituindo-se num **vasto leque de abordagens teórico-metodológicas**.

### 1. 1. Pesquisa-Ação Pedagógica (Pape)

**A Pape** – se dedica a Educação (prática social)  
- Educação e as Relações sociais  
Articula a **Compreensão à ação à transformação à formação**.  
(práxis da formação)





## 1. Pesquisa-Ação Pedagógica (Pape)

A Pesquisa-Ação Pedagógica (Pape) foi criada por Franco, em 2016, para denominar uma **experiência com a pesquisa-ação marcadamente pedagógica**, pois estuda as práticas educacionais por meio da participação dos próprios sujeitos, **agindo também no campo da formação dos envolvidos, transformando-os**. A pesquisa-ação voltada para a formação contínua de professores foi denominada por Franco (2016) de pesquisa-ação-pedagógica, pois tem a formação como objetivo principal.



## 2.Os estudos pós-coloniais quem somos nós os professores sul-americanos?

Na perspectiva sul-americana (na qual me situo) há um enfrentamento epistemológico de **duplo desafio: emancipar-se da episteme eurocêntrica** que nos colonizou e **formular-se a si mesmo**.

Para nós sul-americanos, a pergunta “quem sou eu” foi durante muito tempo respondida por um terceiro e nesta perspectiva “a presença do outro me impede de ser eu mesma” (FANON, 2015).

A P.A. ao trabalhar com as vozes de distintos sujeitos colabora com os desafios (quem sou eu) e (pluralidade de epistêmica).



### 3. As epistemologias do sul

Sousa Santos (2018) afirma que estamos marcados por uma **injustiça cognitiva**, que vem sendo responsável pelo que denomina de *epistocídio*, a “morte” de todas as outras formas de conhecimento que não as hegemônicas, aquelas produzidas nos núcleos de poder.

Propõe a partir da diversidade do mundo as *epistemologias do sul* uma metáfora que expressa o silenciamento de *saberes e culturas*.

Destaco o conceito de **incompletude**, pois trabalha com a ideia de que a **diversidade do mundo é inesgotável** e de que a diversidade epistemológica ainda está para ser construída.

Nessa perspectiva, **o conhecimento é interconhecimento** e se desenvolve pelo diálogo expresso nas continuidades, simultaneidades ou possíveis **atravessamentos entre saberes**.

O pensamento pós-abissal supera o isolamento por meio do que valoriza e nomeia de **copresença**, isto é, aprender com o outro, sem nos esquecermos de nós mesmos.

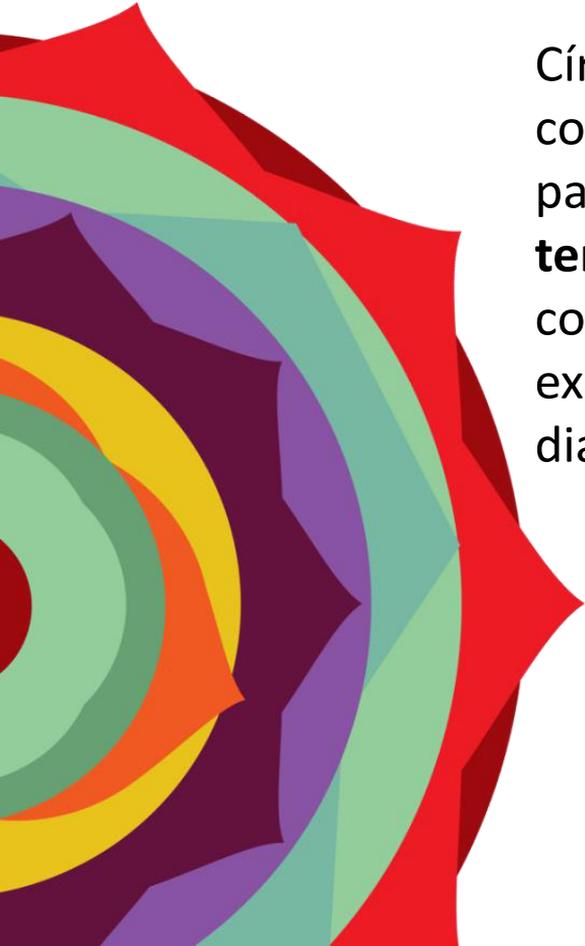
**Incompletude – interconhecimento – atravessamentos e copresença são princípios que nos auxiliam na P.A.**



#### 4. Paulo Freire e Carlos Brandão

Freire, na *Pedagogia do oprimido* (1982), e Brandão, em *A pergunta a várias mãos* (2003), nos ensinam que a **educação é lugar de conflito, onde o diálogo precisa ser conquistado**. Trabalham não pela resposta certa, mas pela resposta negociada.

Círculos de Cultura : a) **investigação temática**, quando os componentes do Círculo buscam nas experiências dos participantes os temas para seus processos educativos; b) a **tematização**, quando o grupo decodifica estes temas coletivamente; e c) a **problematização** ou o meio pelo qual as experiências são perspectivadas através da visão crítica em diálogo com outras referências.





**Comentários?**



## Parte 2

### Porque fazer uma P.A?

Ainda antes de iniciar

Autoavaliação: sugiro se questionar a **sua pesquisa necessita de ser realizada através da partilha de conhecimentos.**

A PA produz um conhecimento que surge das relações entre sujeitos, é isso que busca?



## **1. Aproximação e planejamento**

- O coordenador deve **conhecer profundamente** o tema que investiga.
- A legitimidade do processo vai depender da relação que o coordenador desenvolve com os sujeitos/comunidades/instituições. Importante considerar que sua coordenação é relativa, pois deverá **se submeter a ser questionado** todo o tempo. Em todas as fases da pesquisa há o desafio de se manter como um coletivo investigador, o que exige uma **contínua aprendizagem e autocrítica do coordenador**.
- Postura do coordenador – responsabilidade diferenciada que não deve implicar em poder de direção na pesquisa;
- Participação – de sujeitos envolvidos em processos transparentes, debatidos, cocriados. Trabalho **coletivo na criação e desenvolvimento de todas as etapas** da pesquisa.
- **O processo deve ser leve, criativo, lúdico**, e não encadernado, rígido, pré-formatado.
- Somente **pode ser científico o que for discutível**, não se esquecer disso.
- O trabalho participativo não é virtual (ou não era!!!), ele reclama envolvimento, participação e também por tempo, não se realiza em curto prazo.

## 2 Mobilização para a partilha de conhecimentos

### a) *Nos constituir num coletivo investigador*

- Estudo em coletivo do sentido da PA, referências, história e finalidades.
- A ética na pesquisa: negociar e esclarecer o termo de consentimento.
- Rodas de conversas relacionando tema da pesquisa aos sentidos e experiências dos integrantes, buscando a convergência para a elaboração do trabalho conjunto. Utilizo relatos autobiográficos e as palavras-chave / Freire: “Quem sou? Por que estou aqui? Que experiências tenho que posso partilhar?”
- Realização de mapas conceituais coletivos buscando se compreender como coletivo investigador e, simultaneamente, reforçando os laços e as condições do trabalho em conjunto.



# Reunião grupo de pesquisa



## Mobilização para a partilha de conhecimentos

### *b) Trabalhar para a construção coletiva do objetivo da pesquisa*

- O objetivo da pesquisa é partilhado e construído a partir de experiências e interesses formulados na fase anterior.
- A partir do objetivo, construímos coletivamente a estratégia de pesquisa e seus instrumentos.
- A partir dos objetivos, ainda antes de ir a campo, também se identificam conceitos e autores que possam fundamentar o trabalho. Busca-se o desenvolvimento de formulações criticamente referenciadas (Segundo nível de compreensão do problema). Este trabalho pode ser realizado por meio de diversas dinâmicas (leituras, escritas e debates), todas visando à revisão crítica.



*c): trabalho de campo e a análise de dados*

- O campo é imprevisível e, simultaneamente, é uma fase em que se busca “segurança” e o desejo de controle do processo de pesquisa.
- A aventura do conhecimento promove muita angústia e inquietação nos grupos. “Isso é pesquisa?” Importante promover revisões constantes. No entanto, é essencial saber discernir, pois é fundamental a disciplina de campo na coleta ordenada e minuciosa. A bagunça não é criativa.
- A análise de dados devem ser em trabalhos coletivos. Os dados não são invenções, mas deduções de métodos, logo devem ser interpretados coletivamente em diversas reuniões de trabalho. Trata-se de uma fase extensa mas que é bastante estimulante se o que se busca é um saber partilhado, uma reeducação de pensar no singular para plural.

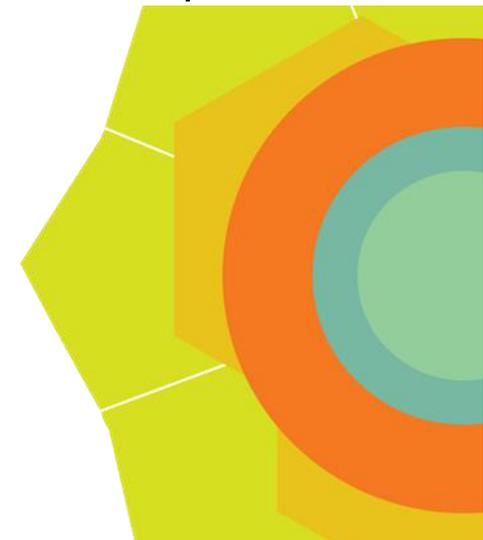
**Observação:** Penso ser importante assumir a dimensão ideológica da realidade histórica na qual a pesquisa está envolvida. Colocar luz sobre ela, debatê-la com transparência e instrumentos críticos. Sem esquecer que a ciência é o reino da discutibilidade: só pode ser aceito como científico aquilo que for discutível. Na P.A., ainda que sempre estejamos imbricados ideologicamente, temos de sustentar as discussões abertas e referenciadas.



#### *d) a perspectiva de produção de rupturas na direção da transformação*

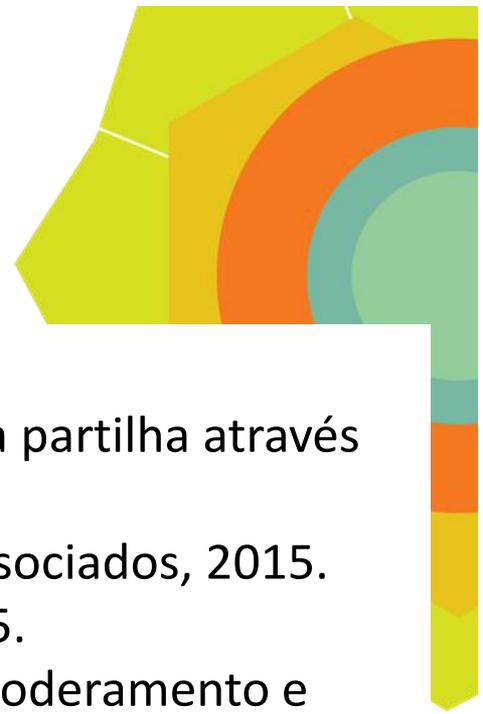
- Através destes princípios, a pesquisa em campo, a organização dos dados, a tarefa de sistematizar, de construir sínteses, articulá-las em novas formulações a ser apropriadas pela comunidade acadêmica, aquilo que Franco (2016) chama de “produção de rupturas cognitivas”, são os momentos em que o pesquisador/professor/estudante muda sua concepção de profissionalidade através do trabalho de pesquisa coletivo.
- Redação de textos em coletivo – uma outra alfabetização acadêmica.
- Publicação – forçar o fim dos limites de autores em diversas pesquisas (desafio).

**Concluindo:** A Pesquisa-ação Pedagógica é um campo de “sub-revoluções” (FANON 2015), um processo que nos prepara para as mudanças mais radicais que precisamos conquistar.





**Comentários?**



## Bibliografia

BRANDÃO, C. R. *A pergunta a várias mãos: a experiência da partilha através da pesquisa em educação*. São Paulo: Cortez, 2003.

DEMO, Pedro. *Avaliação qualitativa*. Campinas: Autores Associados, 2015.

FANON, F. *Os condenados da terra*. Lisboa: Letra Livre, 2015.

FRANCO, M. A. Pesquisa-Ação Pedagógica: práticas de empoderamento e participação. *Revista de Educação Temática*. Campinas, 2016, v. 18. n. 2, p. 511-513.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1982.

FREIRE, P. *Educação e mudança*. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

MOREIRA, S. L. Escolas e Universidades em formação docente. *Revista Aleph*. Niterói, 2018, v. 15, n. 30, p. 165-186.

SOUSA SANTOS, Boaventura. *O fim do império cognitivo: afirmação das epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina, 2018.